

Ribeiro, conservando-se actualmente na posse desta familia, já uma soberba e rendosa quinta.

Assim terminamos a história das Pias como colectividade independente, sob o ponto de vista administrativo, pois que, em Novembro de 1836, foi este concelho incluído nos 465 eliminados por serem pequenos.

Passando a fazer parte do actual concelho de Ferreira do Zézere não pretendemos, por variadas razões, occupar-nos das Pias nesta modalidade que, por ser relativamente recente, não pertence ainda à história.

(Continua).

ANTÓNIO BAIÃO.

Nota ao artigo: A colecção de «milagres» do Museu Etnológico Português¹

Na secção etnográfica do Museu Etnológico Português há um quadrinho circular de madeira, com uma estampa, circular também, onde se representou por xilografia a visita de *acção de graças*, que D. Miguel, acompanhado de suas irmãs, fez ao santuário da Senhora da Conceição da Rocha. O Rei sofria de uma perna, e apelou para o socorro do céu, a fim de obter a cura de que a medicina porventura desesperara. Assim implorou o auxilio da Senhora da Rocha. Sarado já do mal, foi perante o altar da sua protectora, então na capela de Santa Maria Maior, da Sé de Lisboa, a levar-lhe pomposamente, como rei, a gratidão pelo milagre prestado².

A invocação da Senhora da Rocha data dos fins do primeiro quartel do séc. XIX; e apesar disso, apesar de relativamente moderna, tem fama especial que muito deve à lenda em que se nimba o aparecimento da imagem, bem como às prodigiosas curas que lhe são atribuídas pela crença popular. Muito cedo se criou esse prestígio, e a devoção é-lhe

¹ Toda a colecção dos «milagres» descrita no número anterior (1 a 9) d-*O Archeologo Português* foi feita pelo Sr. Director do Museu, com excepção de um ou dois exemplares, pp. 152-176.

² A imagem desta Santa esteve na mencionada capela, na Sé de Lisboa, até 30 de Setembro de 1883, quando foi trasladada para o seu templo na freguesia de S. Romão de Carnaxide, à beira do rio Jamor. É festejada neste lugar, nos dias 31 de Maio e 30 de Setembro, aniversários respectivamente do aparecimento da imagem (1822), e da sua transferência para o templo onde está.

Cf. os numerosos *registos* da Senhora da Rocha, e vid. *O Arch. Port.*, I, 182 sgs.

mantida com fervor notável. Que a nomeada dos milagres se expandira, e fizera toda a fé, isso o prova o recurso que o Rei levou à misericórdia da Virgem.

Em *O Archeologo Português* foi estudada a gruta funerária prehistórica de Carnaxide, onde, segundo reza a lenda do povo, confirmada por notícias literárias, appareceu uma «pequena imagem de Nossa Senhora da Conceição, com um manto de sêda muito velho, côr de obreia desmaiada...», ao depois transportada para a capela da Sé, supracitada, e ulteriormente mudada para o templo onde hoje se presta ao culto dos fieis¹.

A gravura a que me refiro não tem o carácter de «milagre» propriamente dito; não foi feita para celebrar o favor celeste, com o fim de ficar no templo a título memorial e de gratulação, nem representa o momento promitente do voto. Antes deve ter-se como folha solta, que informa e faz pública esta cura com que a Santa serviu o Rei. Mas é curiosa pela indicação iconográfica, e também pelo documento cultural da significação do voto, cuja solvência é de estreita obrigação². E com o mesmo método de que me servi, na resenha dos «milagres» da colecção do Museu Etnológico Português, descrevo a estampa de que estou falando.

LEGENDA.—A estampa é cercada em toda a volta por um letreiro que fica de fora da gravura; principia ao lado de um asterisco pequeno que marca o vértice do diâmetro vertical da estampa, e corre em sentido *dextrorsum*, com caracteres maiúsculos de impressão:

GRANDE MILAGRE QUÉ FEZ N. S.^{ra} DA ROCHA A ELREI O SENHOR D. MIGUEL 1.^o, DE QUE LHE DÁ GRAÇAS DA SAUDE DA SUA PERNA, E SUAS AUGUSTAS IRMANS.

CARACTERES.—A estampa é circular, com 0^m,074 de diâmetro. O caixilho, feito de madeira de murta, está acuradamente trabalhado,

¹ Vid. *O Arch. Port.*, 1, 182 e sgs., artigo de J. Leite de Vasconcelos. Aí se extracta e interpreta a *História narrativa de uma lapa descoberta no dia 28 de Maio de 1822 na ribeira de Jamor, freguesia de Carnaxide, e os mais acontecimentos que depois se lhe seguiram até o dia de hoje* (folheto impresso em Lisboa em 1885) e se indicam outros folhetos que tratam do mesmo assunto. Os registos da Senhora da Conceição da Rocha, coloridos ou não, expressam, de ordinário em composição especial que se liga à imagem ou ao seu altar, o encontro casual dessa imagem, por caçadores, ao perseguirem, com ajuda de cães, uma lebre que se acoitara na gruta.

² *Quem promete, deve. As graças perde quem se detêm no que promete.* Vid. Bluteau, *Voc.* (s. v. *promessa*).

e mede no diâmetro externo 0^m,13. Tem o n.º 2:853 de ordem de entrada. Foi comprado em Lisboa pelo Sr. Director do Museu.

ICONOGRAFIA.—Vê-se o altar à esquerda, e nele a imagem da Nossa Senhora da Rocha. Em frente ajoelham, em coxins, o Rei que, de braços cruzados e a mão direita estendida sôbre o coração, ora com fervor: e, à direita d'ele, uma das irmãs está na mesma posição e reza; atrás do Rei, nota-se outra irmã, de pé, com uma banda a tiracolo. O Rei veste a farda de generalíssimo do exército, com uma gran-cruz e a tripla banda: as princesas, e mais três damas, de uma das quais apenas se distingue a cabeleira por cima da cabeça do Rei, estão todas coroadas de flores. Há mais um dignitário, fardado. Numa coluna do fundo pendem dum lado e do outro, dispostos paralelamente em duas séries sobrepostas, alguns *ex-votos*: pernas, braços, e dois seios.

Em outra estampa, rectangular, no tipo de *registro de santo*, há mais gente na representação da mesma visita de D. Miguel. E, em três colunas do templo, que se vêem ao fundo, e se sucedem, nótam-se, além de *ex-votos* semelhantes aos da primeira, mas dependurados numa grade de madeira de três réguas paralelas, cinco retábulos de «milagres», de género caracteristicamente popular.

*

Nos *registos de santos* há por vezes evocações de milagres attribuídos ao Santo gravado na estampa. Em uma gravura de *O Sr. Jesus do Bom Fim*, onde se vê o Crucificado no viso do Calvário, ao fundo as muralhas, tórres e palácios de Jerusalém, marca-se como em uma documentação histórica um milagre da imagem representada. É uma paisagem, suplementar, dentro do encaixe total, mas em independência: no mar veleja uma nau empavesada, com a bandeira içada a mostrar o escudo esférico de D. João VI; por baixo lê-se:

O NAVIO SÃO JOZÉ AMERICANO EM 14 DE ABRIL DE 1824 AS
5 HORAS || DA TARDE EM HUM BANCO DE PEDRA EFICANDO EM
BRASSA E ME- || TIA D'ÁGOA ASSIM PASSOU A NOITE INVOCANDO-
SE AO SNR'. JESUS, || JÁ NO DIA 15 PELLAS 6 HORAS DA MA-
NHA' EM 12 || BRASSAS D'AGO. ||

(Em letra de bastardinho regular). É obra dum gravador de apelido Carvalho.

Em outros *registos* aparecem alusões pictóricas que, em àparte, indicam alegóricamente a natureza dos milagres do Santo memorado.

Assim um *Sr. dos Navegantes* tem na gravura do seu *registro*, sob a representação da imagem do Nazareno crucificado, um painelzinho que mostra duas naus a navegar, de velas pandas, em mar chão. O mesmo sucede com uma *Snr.ª da Bonança*, que se venera na igreja de *Santos Velhos*¹: a Virgem na parte superior e maior, uma curta marinha com uma galera em mar manso, na parte debaixo².

Nas *Notas biográfico-literárias* acêrca de Severim de Faria, que o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos inseriu no *Boletim de 2.ª classe* da Academia das Ciências de Lisboa (vol. VIII), e recentemente reproduziu em separata, lê-se na p. 17 a curiosa notícia duma oferenda do cabido de Évora (cod. 7:642 da Biblioteca Nacional, n.º x da Colecção de Severim): havia peste na cidade, e os cónegos, ante o espectáculo duma harta epidemia, fizeram voto à *Snr.ª de Guadalupe*, a fim de cessar a mortandade; vencida a gravíssima doença, o cabido mandou como *ex-voto* à divina protectora da cidade uma caçoula de prata, rica de traça e fábrica, feita em 1604³.

LUÍS CHAVES.

¹ Está *Santos Velhos* por *Santos-o-Velho*, dicção comum da freguesia de Lisboa, que muito freqüentemente se pronuncia *Santos-ó-Velho*.

² São célebres pela sua variedade os *ex-votos* do templo de Nèmi, no Lácio, levados pelos peregrinos ao templo de *Diana Nemorensis*, sôbre a orla do lago de Nèmi, no sopé do Monte-Cavo, em terras de Alba-Longa. O que dêles se conseguiu congregar está no Museu das Termas, em Roma. Havia de tudo, desde o pormenor ou ornato indumental, botões, fíbulas, etc., até as moedas de toda a espécie, à maneira do costume galo-romano dos subúrbios de Tolosa (*O Arch. Port.*, XIX, 157); era esta a forma de *ex-voto* mais simples, na sua vera essência; além disto, porém, havia o retrato do devoto, a expressividade mais familiar de amizade e gratidão. As operações cirúrgicas, a que se submetiam alguns romeiros, eram horríveis; curavam, e no espólio nemorense aparecem ventres humanos, de barro, que mostram, numa abertura arreganhada, as vísceras do padecente. Cf. *A travers le monde romain*, de R. Cagnat, 1912, pp. 14-15.

³ A nossa história, como a de além-fronteiras, revela muitas e diversas circunstâncias em que os reis de Portugal, por motivo seu ou do país, assim como os guerreiros empenhados na alta responsabilidade nacional da batalha, ofereciam, em mercê do seu voto por vencimento de sua causa, igrejas e capelas, templos de pompa faustosa ou de modesta comemoração: as doações *ex voto* são em geral dirigidas à Virgem. A miúdo apareciam nelas os ricos despojos de guerra, como o oratório de prata dourada, que foi de D. João I de Castela, derrotado em Aljubarrota, e hoje está no tesouro da igreja da Senhora da Oliveira, em Guimarães. Diz *O Panorama*: «Em quanto, por causa de um voto que fizera antes de começar o combate (de Aljubarrota), el-rei D. João I lançava os fundamentos do Mosteiro da Batalha (Santa Maria da Batalha), o condestável D. Nuno, obrigado por igual voto, erguia em Lisboa um templo», que foi o da Senhora do Vencimento, Carmo. Vol. I, 1817, p. 4. Vid. mais: *Prosas Portuguesas*, I e II, de Bluteau, pp. 232 e sgs.